

# Sobre o destino da escola

**P**recisamos resgatar nossa humanidade, que reside não na capacidade de guardar e acumular dados e coisas, mas, principalmente, na reflexão, na invenção, na coragem de ir sempre a novos lugares e viver novas coisas. Nesta época das superpotentes memórias externas, a tarefa passiva de organizar e armazenar dados já não precisa ser trabalho nosso, mas do disco rígido que a tecnologia nos foi dando de presente. Haverá o dia em que nos lembraremos, com ironia, do tempo em que sabíamos “de cor” uma infinidade de conteúdos. Mas, mesmo depois da invenção da imprensa, permanecia uma dificuldade: como carregar tantos livros? Era preciso memorizar um número determinado de assuntos, que deveriam ser, como diria Paulo Freire, “depositados” na memória dos estudantes. Acreditávamos no saber acumulado da história, cultuávamos isso como um arsenal de verdades que conseguimos apanhar. Mas, hoje, que uma biblioteca de 10 mil livros pode caber em *pen-drive*, e a velocidade da informação torna rapidamente os conteúdos obsoletos, o que deve ser ensinado? O que é fundamental saber? Com certeza, não mais os afluentes do rio Amazonas, ou o relevo e a hidrografia da Rússia.

Passamos de grandes armazenadores, os crânios, para grandes selecionadores e processadores de informação. Por isso, para não sermos engolidos pelo excesso de dados que caracteriza nosso tempo, é preciso saber selecionar as informações que nos chegam. O simples direito ao acesso não quer dizer muita coisa. É preciso que este universo fragmentado ganhe algum corpo, faça algum sentido. Mais do que armazenar informações, precisamos aprender a traçar objetivos, propor empreendimentos. Estimular a pesquisa deve ser um dos alvos do nosso sistema de ensino, formar pesquisadores, crianças e jovens, cada um em seu tempo, capazes de construir trajetórias, projetos de vida, ao invés de aceitar as que se impõem em suas portas. Não mais um apertador de parafusos, como ilustrava Chaplin em *Tempos Modernos*, mas um produtor de conteúdos e formatos; um inventor de direções é o que quer a sociedade contemporânea. Mas é fundamental que esta capacidade criativa, que o mercado está exigindo, esteja vinculada a um projeto de mundo, de vida, de sociedade.

Os jovens e crianças, enquanto aprendem, não podem perder de vista o espaço em que vivem: a casa, a cidade, o país, o planeta. Estudar deve começar por fazer entender onde aquela escola está, que relações predominam ali, que tipo de vida impõe, para que os alunos possam saber até que ponto querem seguir aqueles caminhos ou inventar outros. Ou a escola enfrenta esses desafios, e muitos outros que hoje se impõem, ou poderá desaparecer. Por isso, precisamos repensar a escola, para que seu futuro seja produto não de um destino, mas de uma escolha. ■



**Viviane Mosé**  
Psicóloga e psicanalista  
[www.vivianemose.com.br](http://www.vivianemose.com.br)